

JORNAL: O GLOBO LOCAL: GUANABARA

DATA: 24/9/1971 AUTOR: _____

TÍTULO: _____

ASSUNTO: IVAN SERPA AGORA GOSTO DO AZUL

gosto do azul
agora
artigo que
nada deste
assunto

Globo 24-9-71 - página 8



IVAN SERPA AGORA DESCOBRE AS CÔRES

Ivan Serpa conta que sentiu na bôca o gosto do azul

Ivan Serpa prestou depoimento ontem no Museu da Imagem e do Som, no Ciclo de Artes Plásticas, dizendo que é "uma pessoa imprevisível" e citando um conselho de Georges Bernanos como orientador de sua vida artística, "nunca admitindo abrir concessões".

Durante mais de duas horas, Ivan Serpa contou sua vida, desde o primeiro desenho, aos sete anos, na capa de uma cartilha, até a próxima etapa:

— Descobri o gosto das câ-res e vou começar a pintar quadros. Outro dia eu senti o gosto do azul na bôca.

Passatempo

Desde pequeno, Ivan Serpa tinha a mania de desenhar. Aos sete anos, desenhou um leão nas costas de uma cartilha. Mais tarde, ia para lugares sossegados para pintar a guache.

— Mas era apenas um interesse passageiro, mais um divertimento. Nascido na Tijuca, em 8 de abril de 1923, foi criado por uma tia francesa e cres-

ceu "mais habituado à maneira de viver francesa do que à brasileira". Um dos choques maiores de sua infância foi a derrota da França na II Guerra Mundial.

— Talvez por isso tenha sido tão mau aluno de inglês na escola".

Por causa da mania de desenhar, acabou indo assistir a uma aula de pintura de Lesko-cheski.

— Achei admirável e fiquei seu aluno. Mas um dia o dinheiro acabou e tive que largar.

Lesko-cheski, que presentiu no aluno um futuro artista, aceitou-o mesmo sem pagamento:

— Mas ainda assim nunca me passou pela cabeça ser um artista, conta Ivan Serpa.

Mesmo depois de Georges Bernanos ter visto seus desenhos e afirmando: "Você ainda será um grande artista", Ivan preferia ganhar a vida como professor de francês e, em 1950, como restaurador de obras raras da Biblioteca Nacional.

MAM: a luta para vencer o deficit

Vencer uma crise financeira representada por dívidas que chegam a 1 milhão de cruzeiros é a difícil tarefa que aguarda a nova diretoria do Museu de Arte Moderna, eleita ontem à noite, e que toma posse ao meio-dia de hoje. O persistente é novamente o Embaixador Walther Moreira Salles, os vice-presidentes são Gilberto Marinho e José Sette Câmara e os demais diretores Paulo Pereira Filho, Heloisa Aleixo Lustosa, Fernando Quintela e José Meira Pávão.

Três são as fontes de renda do MAM: o Governo estadual, que desde 1967 contribui anualmente com Cr\$ 200 mil, sem nenhuma correção monetária, para atualização do valor; o Itamarati, que contribui com Cr\$ 50 mil, destinados especificamente à realização da Exposição Anual de Desenho Industrial; e o Ministério da Educação, que deveria dar Cr\$ 325 mil por ano, mas deu o máximo de Cr\$ 280 em 1970. Em 1968 sua contribuição foi de apenas Cr\$ 125 mil e em 1969 baixou para Cr\$ 25 mil.

Mesmo que tôdas as contribuições fossem entregues regularmente, e sem nenhuma redução, o MAM ainda estaria em situação deficitária. Os estudiosos do problema acham que não restará outra saída ao museu senão recorrer a contribuições de grandes empresas.

A causa

Os deficits têm uma causa principal: tôdas as atividades artísticas que o MAM promove resultam em arrecadação inferior às despesas feitas. Só a cinemateca não apresenta deficit, mas não chega a representar uma fonte de renda.

Com as poucas verbas disponíveis, a direção do Museu tem de enfrentar gastos com a conservação das instalações, obras de remodelação, serviços de limpeza, conservação dos jardins e pagamentos das contas de luz, gás e telefones.

Há alguns planos para a criação de novas fontes de renda. Um deles, o da construção de um teatro, que ficaria na área entre o museu e o aeroporto — atualmente destinada ao estacionamento de carros. Outro é o do aumento das anuidades para os 6 mil sócios, que pagam apenas 60 cruzeiros, com direito de participar gratuitamente de tôdas as atividades do museu, menos da cinemateca, onde, entretanto, pagam somente Cr\$ 1,00 pelo ingresso que custa Cr\$ 3,00 às demais pessoas.

Brasil com 12 artistas na Bienal de Paris

PARIS (AP — FP — O GLOBO) — O Brasil participa da VII Bienal de Paris, que se inaugura hoje, com 12 artistas, entre pintores, cenógrafos, músicos, cineastas e um crítico de arte.

Na pintura, o Brasil estará representado por Vanda Pimentel, José Tarcísio e Carlos de Moraes; os cenógrafos são

Hélio Eichabaver e José Armando Ferreira. Em música contemporânea, estão obras de Carlos Nobre, Lidenbergue Cardoso, F. Cerqueira e Marco Antônio Guimarães.

O Brasil também exibirá vários filmes, um deles cultural. "Polivolume", sobre a cultura de Mary Vieira, no Palácio Itamarati.

instituto de Arte Contemporânea